

DANTAS

Entrei e saí mais de uma vez do "Diário de Notícias", mas nunca perdi o meu lugar na amizade de Orlando Dantas. Trabalhei na banca da redação, como "tradutor" de telegramas, fiz tópicos e editoriais, reportagens e entrevistas, assinei crônica diária durante muito tempo. E quem já funcionou na rua da Constituição sabe que isso obrigava a um contacto quase permanente com Dantas — pois não saía coisa no jornal d'êle que êle não lesse, vigiasse, esmiuçasse. A primeira vista era um ditador, tão minuciosamente fiscalizava e dirigia tudo. Mas a verdade é que não conheci, em tantos jornais em que já trabalhei, um diretor que soubesse respeitar mais a opinião de seus colaboradores. Teve, por isso mesmo, o "Diário", e continua a ter, a colaboração de alguns dos jornalistas mais independentes e desconfortáveis do Brasil. Cioso até o fanatismo da independência de seu jornal, Dantas tinha um raro respeito pela opinião de seus colaboradores. Mais de uma vez êle visou artigos meus de que discordava inteiramente, e que contrariavam a posição de seu jornal em um determinado assunto. Bastava-lhe a certeza de que eu escrevia de boa fé; de resto nossas divergências nunca foram além de alguns limites marcados por uma aversão comum a todo sistema de opressão, de exploração e de hipocrisia, a tudo isso que no Brasil de nosso tempo tem sua expressão mais perfeita e melancólica nessa sub-aventura da mediocridade intelectual e moral que é a essência do getulismo.

Telmoso, duro, turrão, às vezes injusto, Dantas tinha uma extraordinária delicadeza diante das pessoas que êle respeitava — e êsse respeito era uma dádiva sua, era instintivo e insubordinável. Em uma das últimas vezes que discutimos (eu já não estava em seu jornal), e foi em um café de Paris, resolvi dizer que discordava de sua atitude em um dos casos que mais o apaixonaram em tôda sua carreira de diretor de jornal. Não o demovi um milímetro de sua certeza de estar coberto de razões; mas me comoveu, naquele homem veemente, o esforço que fez para ouvir e entender a minha opinião.

Quando eu assinava crônicas diárias em seu jornal, publiquei uma que serviu de pretexto a violentíssima campanha de um vespertino com que êle andava às turras. "Um punhado de lama atirado na consciência cristã do Brasil" — eram "manchettes" diárias desse tipo, e notas e entrevistas em que os mais violentos ataques eram dirigidos não a mim (o diretor do vespertino fez questão de jamais publicar o meu nome, pois pessoalmente sempre se deu bem comigo, e queria concentrar todo o fôgo sobre Dantas) mas ao cronista do "Diário de Notícias", jornal ateu, indigno de entrar em casa de uma família honrada...

Para mim o episódio podia ser cômico; para Dantas era dramático; eu fornecera uma terrível arma ao seu adversário. Propus-lhe meu afastamento do jornal; era uma satisfação que êle daria aos leitores impressionados pelos ataques do outro jornal. Além disso eu considerava aquilo — e lhe disse — uma "briga de brancos"; nunca apoiara a campanha do "Diário" que dera motivo àquela polêmica; e, sem convicção, não iria lutar a seu lado só pelo fato de ser seu empregado; minha permanência só poderia, portanto, ser prejudicial. Eu já fizera uma crônica assumindo inteira e gostosamente a responsabilidade do que escrevera; agora era melhor que eu saísse. "Se você falhar um dia nesse seu quadro — me respondeu Dantas — passarei a publicar novamente suas crônicas velhas. Agora é que você não me sai daqui." E não teve, nunca, a mais leve palavra de recriminação ou de queixa pelo tremendo "abacaxi" que eu lhe oferecera.

Dantas tinha defeitos e limitações como todo mundo os tem, e eu devo ter bem maiores. Mas era uma figura rara, era uma presença confortadora neste pequeno mundo de equívocos e fraquezas, de transigências e misérias que é a vida pública do Brasil: era um caráter, era um homem.

4/2/52 R. B.

280